

Crônicas de Tubarão II: Pontada | Adriana Carolina Hipolito de Assis

Uma dor aguda! Pensou que iria sufocar: boca roxa, mãos trêmulas, vertigem. Duas da manhã, o marido cambaleando vestiu-se correndo. A ambulância chegou ao hospital. Perdeu o olhar dele, entrou em uma sala, na qual todos diziam: “ela está sibilando!”

— Onde dói vó?! Perguntava ao médico.

O olhar dizia, mas a voz não saía. O médico perguntava da porta: “Quem é parente de Pedra Maria de Jesus?”

Surgiu um senhor, olhar manso, gestos largos. Passava as mãos nos cabelos em quase desespero. Narrou o acontecido e a dificuldade de levantá-la do chão do quarto.

Horas depois estava no quarto. Era enfermaria. Do lado do leito de sua esposa havia duas pessoas e na frente mais três. Puncionaram a veia para pôr o soro, auscultando o pulmão. Estava com pontada e com o coração fraco. Resolvi perguntar à acompanhante do lado o quê a paciente tinha.

— Pontada, tá magrinha a minha princesa. Vai ficar boa se Deus quiser!

— E a outra? Perguntou, apontando a segunda acompanhante de leito.

— Com pontada também, só que o coração tá mais fraco.

Inquiriu as três da frente. Na sequência disseram:

— Ela estava com dor no peito, não veio para internar, mas ficou.

— Vai ver que é pontada também, respondeu à segunda.

— E essa menina? Tá muito jovem pra ficar aqui com tanta velhinha, não?!

— É pontada, ela não come, tá anêmica. Olha como é miúda.

Seu Gilberto olhou para a esposa, estava na hora do almoço. Sopa rala, sem sal. Sabia que a mulher, que era bem fortinha, queria mesmo era carne, arroz, feijão, uns pastéis, umas empadas. Saiu de mansinho e voltou com marmitta em punho.

— Trouxe surpresa!

Os olhos dela brilharam, os dois se sentaram um de frente para o outro e trocaram amorosamente sanduíches gordurosos, cheios de ketchup, uns rissoles de carne e Coca-Cola. Ele beijava as bochechas gordas e pálidas de Dona Pedra. Ela sorria, apesar de ter uma sonda de ar nas narinas. Depois se levantou, “amanhã voltarei!”.

Noutro dia, no horário da visita, todos chegavam alegres: “Oi linda! Tá melhor?! Vai melhorar, vamos sair daqui num instantinho”.

Os pacientes do lado de Dona Pedra diziam aquilo, mas sabiam que não tinha volta. Dez minutos depois ocorreu o primeiro óbito: Dona Josefa, não aguentou a pontada aguda e as complicações do coração. Foi uma correria, médicos e enfermeiros tentaram reanimá-la... Na sequência do dia, a outra, que estava do mesmo lado leito de Dona Pedra, faleceu. Horas depois foi substituída por outra senhora, que também não resistiu à pontada.

Assustada com a sequência dos fatos, Dona Pedra foi cercada por médicos residentes. Apertavam-na e inquiriram sobre a diabetes que não melhorava: um dos motivos para a pontada não melhorar.

Naquele momento chegara a acompanhante da frente do leito de D. Pedra. Soube das mortes recentes e disse à acompanhante do lado direito:

— É bom Dona Pedra mudar para o nosso lado, pois parece que o dela é fatal.

Apesar da tragédia, Dona Pedra riu, sabia que era fortinha. Logo após veio seu Gilberto sorrindo:

— Trouxe surpresa!

Vocabulário Regional de Tubarão/SC:

Pontada é pneumonia para os catarinenses.